

TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

Paulo de Tarso R. Oliveira

Faustino Teixeira é graduado em Filosofia e Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, é Mestre em Teologia pela PUCRJ e Doutor e Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Atua como pesquisador do CNPQ e Consultor do ISER, no Rio de Janeiro. É professor do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Em *Cristianismo e diálogo inter-religioso*, na dedicatória, o autor ressalta o valor da alteridade no campo religioso, a necessidade de abertura ao outro no reconhecimento da verdade como um bem de natureza subjetiva. Assim, contraste, distinção e diferenças tornam-se matérias centrais no labirinto religioso formado pela religiosidade tanto cristã quanto não cristã. O essencial, e que percorre todo o livro, é o reconhecimento de que o diálogo torna possível compreender a espiritualidade como um bem universal que não precisa necessariamente promover exclusão e que não pode ser considerado privilégio de um grupo específico.

Importante destacar que embora o enfoque seja cristão-católico, pois tece uma consideração do outro, o não católico, como o diferente a ser acolhido e tolerado, contudo o ponto de partida é a religião em seu aspecto *in natura*, sem as amarras doutrinárias, senão apenas como um fenômeno típico do humano em sua singularidade e em sua busca de significado para o ato de viver. Afirmações como "teia de sentidos", "ordenação e significado", "escudo contra o terror", "teia de significados" vão dando pistas de que a religião aqui é tratada em consonância à necessidade humana de lidar com o desconhecido e a ele reportar-se na busca de sentido para o seu viver. O autor impõe, propositalmente, um caráter interpretativo da religião na pós-modernidade, uma vez que a própria disseminação de um olhar científico ao fenômeno religioso, resultado do positivismo precedente, impôs a ela um nível de racionalidade quase indissociável, gerando, em muitos casos, desencanto e afastamento.

No livro, a religião, se não ganha um novo significado, ao menos torna mais transparente seu caráter antropológico ao dinamizar sentidos aos seus praticantes. O autor, apoiado em estudos como os de Kehl (2009) e Berger (1985), ressalta aspectos sincrônicos que apontam para uma valorização do sentido religioso em todas as fases reconhecidas da vida humana. A segmentação do pensamento religioso acaba sendo construída a reboque da segmentação da vida humana, uma vez que os seres, agrupados em sociedades distintas e passando por experiências singulares, precisam construir significados que sejam capazes de responder e corresponder às suas respectivas realidades.

É bastante curioso que tenhamos hoje em alguns segmentos tanta ênfase à prosperidade, e torna-se impossível não alinhar tal postura à hegemonia do capitalismo, o que indiretamente sugere uma necessidade de alinhamento do religioso ao mundano, do sagrado ao profano em todas as suas dimensões. Por outro lado, discussões a respeito da secularização e da autonomia religiosa de parcela significativa da sociedade, como tem sido amplamente discutido por autores como Lipovetsky (2004), Oro (1996), Pierrard (1982), Steil e Herrera (2010), entre outros, também indicam essa congruência espírito-matéria, sugerindo transformações no campo religioso que o torna mais susceptível à volatilidade social.

Consoante a tal parecer, se por um lado a obra em questão é fragmentada no que tange ao entendimento do fenômeno religioso no mundo, por outro é também um compêndio que busca destronar a filiação do homem em relação à Deus a partir de uma verdade historicamente imposta, tal como ocorre de forma especial em/nas religiões monoteístas que são, em consequência de sua costura histórica, religiões que se autointitulam salvadoras, únicas detentoras do direito de filiação divina.

Ao discutir a questão pontualmente em relação ao catolicismo, Teixeira resgata um conjunto de discussões que perpassam os vários capítulos, entre elas o fundamentalismo religioso, o pluralismo *per se*, a dicotomia religiosa, o caráter atemporal do fenômeno religioso, entre outras. Merece destaque o enfoque católico, em que discussões levadas a efeito por ocasião do Concílio Vaticano II, refletem a abertura e a resistência em relação a aceitação da espiritualidade originada no pensamento religioso multiplural. São relevantes as expressões "cuidado" e "cautela" várias vezes utilizadas, pois se há uma inovação no que tange a aceitação

do pluralismo religioso e da espiritualidade nele presente, tal aceitação é considerado como "de fato" mas não "de direito" (Teixeira, 2014, p. 151). Considerada, portanto, toda a conjuntura textual dos documentos produzidos à época do referido concílio: acréscimos, decréscimos, advérbios, preposições, adjetivos, substantivos, enfim, um conjunto de natureza semiótica diversa, fica em aberto e em flagrante exposição a divisão e falta de unanimidade em relação ao tema.¹

Á guisa de conclusão, a obra avança para um diagnóstico óbvio em relação à proposta que lança desde o início, que é discutir o diálogo inter-religioso. O autor não deixe de ressaltar dificuldades pontuais que possam existir, pois ambos os interlocutores estão histórica, cultural e socialmente constituídos com suas convicções e crenças, contudo encontrar semelhança nas diferenças parece ser um caminho não só capaz, como possível.

Por fim, cabe destacar que os temas centrais da religião, Deus, espírito, salvação, amor, acabam se fundindo e se revelando em formas distintas, apresentados por meio de símbolos e gestos que igualmente levam as pessoas a viverem experiências análogas, não obstante tenham origem e sejam construídas em ambiente que não mantenha correspondência entre si. E tudo isso aparece no livro de forma bastante clara, a tal ponto que às vezes chegamos a pensar que o autor é um dissidente, pensamento este que se evapora quando percebemos seu esforço em ensinar um catolicismo aberto e capaz de atender o humano em sua diversidade.

¹ Apenas como forma de ressaltar esta questão, sem contudo querermos nos aprofundar nela, cabe destacar que esta discussão aparece em vários documentos que foram produzidos no concílio, entre eles: *Ad Gentes*, *Apostolicam Actuositatem*, *Nostra Aetate*, *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes*, *Dignitatis Humanae*. No total foram feitas 34 referências ao tema.